



A NOVA DIREITA E OS LIVROS: AUTORES, EDITORAS E BEST SELLERS DE DIREITA NO BRASIL E NA ARGENTINA

*LAS NUEVAS DERECHAS Y LOS LIBROS: AUTORES, EDITORIALES Y BEST
SELLERS DE DERECHA EN BRASIL Y ARGENTINA*

*THE NEW RIGHT AND THEIR BOOKS: RIGHT-WING AUTHORS,
PUBLISHERS, AND BEST SELLERS IN BRAZIL AND ARGENTINA*

Thiago Augusto C. Pereira¹ 
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Ezequiel Saferstein² 
Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina

Resumo: Nos últimos anos, a direita voltou a ganhar relevância no campo político da América Latina. O envolvimento dos jovens e o fenômeno das redes sociais para a articulação de agentes, subjetividades e práticas de direita têm sido alguns dos temas mais abordados em estudos recentes. Neste artigo, vamos nos concentrar na produção editorial de livros dos autodenominados novos direitistas no Brasil e na Argentina, que geraram um segmento prolífico e lucrativo em termos editoriais, além de ressonante em termos culturais e políticos. Entendidos como produtos culturais, comerciais e ideológicos, os livros desempenham um papel importante na consolidação de uma estrutura discursiva associada à "nova direita" na Argentina e no Brasil. Além disso, eles ilustram como os mercados editoriais são responsáveis por uma renovação dos referentes ideológicos incorporados por esses autores. Ao analisar a trajetória editorial e discursiva de três autores brasileiros e três argentinos enquadrados na nova direita, este artigo explora a relevância política, comercial e cultural de um tipo de produção historicamente consagrado em um cenário de transformações culturais e políticas.

¹ Doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL da Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Estudos Latino-americanos pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos – IELA, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: augustopereira.eu@hotmail.com

² Pesquisador Assistente no Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Mestre em Sociologia da Cultura e Análise Cultural pela Universidad Nacional de San Martín. E-mail: esferstein@gmail.com

Palavras-chave: Nova direita; Edição e política; Intelectuais; Circulação massiva; Editoras e política;

Resumen: En los últimos años, las derechas han vuelto a adquirir relevancia en el campo político en América Latina. El involucramiento de los jóvenes y el fenómeno de las redes sociales para la articulación de agentes, subjetividades y prácticas derechistas han sido algunos de los temas más abordados en los estudios recientes. En este trabajo nos enfocaremos en la producción editorial de libros de las autodenominadas nuevas derechas en Brasil y en Argentina, que generaron un segmento prolífico y redituable en términos editoriales así como resonante en términos culturales y políticos. Entendidos como productos culturales, comerciales e ideológicos, los libros juegan un papel importante en la consolidación de un marco discursivo asociado a la "nueva derecha" en Argentina y Brasil. Además, ilustran cómo los mercados editoriales dan cuenta de una renovación de los referentes ideológicos que encarnan estos autores. A partir del análisis del derrotero editorial y discursivo de tres autores brasileños y tres argentinos enmarcados en las nuevas derechas, en este trabajo exploraremos la relevancia política, comercial y cultural de un tipo de producción históricamente consagrada en un escenario de transformaciones culturales y políticas.

Palabras-clave: Nuevas derechas; Edición y política; Intelectuales; Circulación masiva; Editoriales y política;

Abstract: In recent years, the right-wing movement has regained relevance in the political field in Latin America. The involvement of young people and the phenomenon of social networks for the articulation of right-wing agents, subjectivities, and practices have been some of the most addressed themes in recent studies. In this article, we will focus on the book publishing production of the self-denominated new rightists in Brazil and Argentina, who have generated a prolific and profitable segment in publishing terms, and with cultural and political resonance. Understandable as cultural, commercial, and ideological products, the books play an important role in consolidating a discursive structure associated with the "new right" in Argentina and Brazil. Moreover, they illustrate how publishing markets are responsible for a renewal of the ideological references incorporated by these authors. By analyzing the editorial and discursive trajectory of three Brazilian and three Argentinian authors framed in the new right, this article explores the political, commercial, and cultural relevance of a historically consecrated type of production in a scenario of cultural and political transformations.

Abstract: New right; Publishing and politics; Intellectuals; Mass circulation; Publishing houses.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211731](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211731)

Recebido em: 08/05/2023

Aprovado em: 29/08/2024

Publicado em: 31/08/2024

1. Introdução

Em anos recentes, as direitas adquiriram não só uma relevância fundamental no campo político na América Latina e região global, mas também a atenção do mundo acadêmico e cultural. O envolvimento dos jovens, o fenômeno das redes de contato de direita e o uso de redes sociais para a articulação de agentes, subjetividades e práticas de direita têm sido alguns dos temas mais bem caracterizados no estudo desse fenômeno (CAMEZZANA; CAPASSO, 2023; FORTI, 2021; SANAHUJA; STEFANONI, 2023; STEFANONI, 2021; VÁZQUEZ, 2023), assim como sua caracterização em termos de história política (BOHOSLAVSKY; ECHEVERRÍA; VICENTE, 2021). Por outro lado, a publicação de livros de direita, salvo algumas exceções (CURCINO; PEREIRA, 2022; GOLDENTUL; SAFERSTEIN, 2021; NÓBREGA, 2018; SAFERSTEIN; GOLDENTUL, 2022; SOLER; GIORDANO, 2015), carece ainda de atenção.

É certo que editoras e editores de livros encontraram na Argentina e no Brasil, um mercado fértil para a proliferação de produtos culturais que oferecem subsídios para os embates políticos mais característicos de nosso tempo, promovendo autores, tópicos e títulos associados ao campo das direitas. Cientes das particularidades de cada país, consideramos a atuação de autores – experientes e estreantes – cujo traço distintivo é a afirmação de um posicionamento político "anti-esquerda", autoproclamado de "direita", atualizando as fronteiras do que entendemos por "político" e "política" em nosso tempo.

Ao levarmos em conta a pluralidade de vozes e agendas que se aglutinam sob as bandeiras de uma "nova direita" na Argentina e no Brasil, mais e mais se torna claro que a apreensão de seus pontos de contato resultaria insuficiente se não levássemos em conta também o rechaço que desde ali se empreende em relação a certos marcos civilizatórios ocidentais, tipicamente modernos, indexados sob os rótulos de

"globalismo", "progresismo", "ideología de género", etc. Soma-se a isso a certeza que nutrem de que a sua consolidação resultaria da intervenção, muitas vezes conspiratória, de seus opositores políticos, quase sempre meritórios do rótulo "de esquerda", ainda que a definição de "esquerda" receba, por vezes, coordenadas distintas das encontradas nos cânones das Ciências Sociais e Políticas³.

Ao considerarmos as condições materiais que viabilizam essa peculiar pregnância – cuja máxima expressão é a agora popular noção de "batalha" ou "guerra" cultural –, vemos que o papel desempenhado pelos livros, autores e editoras no processo de consolidação de sua histórica "coerência" não pode ser minorizado. Se na esteira dessa popularização, vimos nascer uma fértil literatura crítica (DIEGUEZ, 2022; MARTINS FILHO; MARQUES, 2021; MORRESI *et al.*, 2021; ROCHA, 2021) à nos fornecer subsídios para uma mais acurada compreensão de "como", "quando" e "porquê" conservadores, liberais, libertários, nacionalistas, cristãos fundamentalistas, militares, militantes radicais de direita e uma multidão de descontentes passariam a constituir uma espécie de "novo" no horizonte político contemporâneo, a apreensão dessa repaginação das direitas ao redor do globo, e a posta em cena de uma "nova direita" no Brasil e na Argentina, de um modo mais específico, passa também pelo exame de sua presença editorial.

Considerando o papel de destaque atribuído aos livros na difusão de idéias, valores e estratégias de natureza política (BOURDIEU, 2015; CHARTIER, 2009; MIDORI DEAECTO; MOLLIER, 2013), tomamos por objeto a recente produção livresca associada às chamadas "novas direitas" argentina e brasileira, considerando o percurso editorial de expoentes

³ Segundo tradicionais dicionários políticos (Oxford; Bloomsbury, etc.), o termo "Esquerda(s)" abarca "ideias favoráveis à mudança e ao avanço dos interesses da classe trabalhadora e dos pobres" (COLIN, P. H., 2004 – *tradução nossa*), e "ideias, movimentos e partidos de caráter radical ou progressista, frequentemente associados ao socialismo" (KERR, A. (org), 2015 – *tradução nossa*). Entretanto, se "o que conta como "Esquerda" varia em relação ao tempo e ao lugar, [e.g.] noções clássicas de economia Liberal [...]" (Idem – *tradução nossa*), expoentes pensadores das "Novas Direitas" Arg. e Br. tendem a extrapolar essa mais natural movimentação, posicionando as "Esquerdas" em coordenadas menos precisas. Nesse sentido, o *direito ao aborto*, a *padronização do ensino universitário*, o *nazismo* e até mesmo a *segunda guerra mundial* (LOCUS, 2019) já foram, em uma ocasião ou outra, relegados à ela.

autores de livros que a fazem tipificar em ambos contextos. Da Argentina, portanto, consideramos o estreante Álvaro Zicarelli (2022), Javier Milei (2022) e Agustín Laje (2022). Do contexto brasileiro, por outro lado, Bruno Garschagen (2015), Thomas Giulliano (2017) e a agora deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo (2019).

Em seu conjunto, estes autores despontaram nos últimos anos como referentes intelectuais das chamadas "novas direitas" em função de sua presença nas redes sociais. Assim como no universo livresco, que, por suas características e modos de apresentação, os constroem como autores consagrados, ou em vias de sê-lo, nos espaços de sociabilidade respectivos à esta cultura política. Da mesma forma, o espaço que essas "direitas" ocupam na proposição, reprodução e ampliação de temas, a partir de uma posição inconformista e "antissistema", os coloca em uma posição de influência. (VOMMARO; KESSLER; PALLADINO, 2022). Entendidos como produtos culturais – e, sobretudo, comerciais – claramente ideológicos, no sentido de se posicionarem no mapa político a partir de um lugar definido, não neutro.

Dotados de valor simbólico (BOURDIEU, 2009) e feitos a várias mãos (CHARTIER, 2014), os livros produzidos por esses autores desempenham um papel importante na consolidação de um arcabouço discursivo associado a uma "nova direita" na Argentina e no Brasil. Além disso, essa consolidação evidencia também alguns dos modos como essa produção demandou alternativas dos setores editoriais argentino e brasileiro, viabilizando assim uma certa renovação nos cenários livrescos de cada país – anunciando novos "players", consolidando uma relação menos distanciada entre leitores, autores e livros, *etc.*

Neste sentido, nosso trabalho se estrutura a partir de uma estratégia metodológica que combina elementos de Análise do Discurso (FOUCAULT, 1996) com aportes da sociologia da edição e da produção simbólica (BOURDIEU, 2009), com o objetivo de analisar essas produções editoriais a

partir de seu espaço de produção editorial e de seu espaço de discussão ideológica e política inerente. Para isso, levamos em conta os tópicos e argumentos, bem como dimensões externas ao texto que acusam os modos específicos de sua materialização: as trajetórias de seus autores, as editoras que os publicam, a apresentação social do livro, aspectos de sua circulação⁴, etc.

2. Intelectuais de direita, livros, editores e editoras

As maneiras de se intervir no debate público passaram por profundas reconfigurações nas últimas décadas. Os espaços historicamente privilegiados de produção de visões de mundo, valores e ideologias encontram-se em constante transformação, atravessados por lógicas econômicas, políticas e culturais heterodoxas à condicionar a intervenção daqueles que os moldam (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2010; EYAL; BUCHHOLZ, 2010; RUBINICH, 2011). Os autores de livros da chamada "nova direita" fazem parte desse cenário de transformações nas formas de intervenção no espaço público. São autores que recuperam parcialmente aspectos do papel desempenhado pelo intelectual público do século XX – a realização de atos públicos, a ação coletiva, a argumentação moral –, ainda que o caminho de seu reconhecimento se dê em maior medida em função de sua visibilidade midiática, editorial e virtual, e não por sua inserção em espaços mais clássicos como a academia ou o cenário das revistas culturais latino-americanas. Mesmo assim, eles se posicionam como referentes,

⁴ Tanto na Argentina quanto no Brasil, os dados sobre vendas de livros não são públicos. Para obter alguns desses dados, recorreremos a diferentes estratégias: consulta a editoras e editores, levantamento de fontes jornalísticas, consulta às redes sociais e páginas profissionais dos autores e análise de rankings publicados por cadeias de livrarias como Cúspide e El Ateneo, no caso da Argentina, e Amazon, no caso do Brasil, além de sites do setor editorial, como o PublishNews. Nesse sentido, em alguns casos, foi possível obter dados sobre exemplares vendidos, enquanto em outros casos, foi possível conhecer o desempenho do livro no mercado mesmo sem saber seu número específico de vendas. É importante acrescentar que a circulação desses livros não se limita ao mercado de livros em formato físico ou digital em livrarias tradicionais ou on-line. São livros de circulação em massa que também circulam e são trocados – como os livros de Agustín Laje, por exemplo – em edições piratas (físicas ou digitais).

influenciadores digitais ou formadores de opinião que ocupam e cumprem uma função intelectual.

Dessa forma, a chamada "batalha cultural e política" da nova direita se expressa em diferentes esferas que não são apenas partidárias. Além da mídia, das redes sociais e dos espaços físicos onde estes oferecem palestras, o mundo editorial se tornou um dos espaços preferidos para a circulação de sentidos pela "direita". Historicamente, os livros foram sempre moldados como objetos culturais dotados de autoridade e prestígio social, que são também compartilhados por seus autores e editores, reforçando sua relevância na vida pública (DARNTON, 2021; ESCALANTE GONZALBO, 2007). Na esfera editorial, escritores, editores e outros agentes trabalham para garantir que um nome ou uma figura se associe a uma obra. A maneira como esse produto circula, se espalha e é lido depende em grande parte de como esse autor é fabricado (CHARTIER; CAVALLO, 1997; TARCUS, 2013).

Historicamente, o setor editorial tem feito a mediação entre a produção intelectual, a intervenção cultural e política e um mercado de leitores menos ou mais especializados, mas que são influenciados pela cultura dos livros e das ideias. No mercado editorial contemporâneo, composto por um setor concentrado e integrado por múltiplos atores e segmentos, os vínculos históricos entre edição e política tornam-se menos diretos (MIDORI DEAECTO; MOLLIER, 2013; SAFERSTEIN, 2020), mas não menos eficazes e relevantes. Na atualidade as editoras que publicam livros de ou sobre política não são apenas aquelas que fazem parte de empreendimentos políticos militantes ou partidários, que tendem a participar dos contornos da política. Vários dos autores que selecionamos foram publicados por editoras comerciais, empresas que vendem livros para segmentos mais amplos. A multiplicidade de gêneros, temas e a ampla paleta de públicos-alvo é um reflexo disso.

No caso das grandes editoras de capital transnacional (no caso da Argentina) e também de capital nacional (no caso do Brasil) que controlam o setor desde o final da década de 1990, os que ocupam a gestão editorial são agentes centrais nas etapas de produção, circulação e desempenho comercial dos livros (MUNIZ JR., 2016; SZPILBARG, 2019). A mediação editorial sustenta a tarefa autoral de várias maneiras. Não apenas na lida com o texto e a promoção de sua capacidade de disseminação para públicos amplos, mas também na construção do autor em sua apresentação pública, apresentando-o como um referencial. A construção dos paratextos, o design de uma capa atraente, bem como as recomendações de outros autores nas abas e contra capas também são aspectos que compõem a mediação por parte da editora e são aspectos fundamentais para a compreensão da circulação pois funcionam como instâncias de legitimação e antecipação do livro: apontam o que será destacado e propõem linhas de leitura.

Esses aspectos são importantes para entender uma faceta da "nova direita" atual: seus referentes intelectuais e ideológicos. Nos últimos anos, os mercados editoriais argentino e brasileiro têm se destacado pela produção de livros de circulação em massa que abordam a situação política a partir de uma perspectiva crítica dos governos no poder (CURCINO; PEREIRA, 2022; NÓBREGA, 2018, 2021; SAFERSTEIN, 2021). A polarização política que caracteriza os países sul-americanos (GOLDSTEIN, 2022; MORRESI *et al.*, 2021; VOMMARO, 2016) tem tido seu correlato não apenas nas redes sociais e na virtualidade, mas também no mercado de livros de produção e circulação massiva, assinados por autores que se anunciam nesses espaços como produtores privilegiados de visões de mundo. Esses autores intervêm fortemente nas redes, geram massividade e visibilidade e retroalimentam sinergicamente sua intervenção por meio de mecanismos e instâncias mais tradicionais, a exemplo dos livros que consideramos aqui, que alcançam ressonância para além do que se entende como mercado editorial nesses países.

Oferecem-se, portanto, como suportes no exercício do posicionamento entre colegas e leitores, sendo balizados por meios e redes sociais, que produzem identificação por parte dos leitores, destacando assim seus autores como vozes autorizadas para opinar sobre a política. Por essa razão, uma análise desses textos não deve preterir de uma análise da materialidade, das trajetórias dos autores, dos vínculos entre eles, do papel das editoras que os propõem e publicam em um espaço competitivo, atravessado pelas relações políticas, pela lógica econômica, etc. De modo que uma visão ampliada dos vínculos entre os universos da publicação e o da política, já pelos modos como as intervenções públicas circulam e têm efeito em nosso tempo, faz-se incontornável no processo de apreensão desse objeto. Dessa maneira, desejamos obter uma visão ampliada dos vínculos entre os universos da publicação e o da política, já pelos modos como as intervenções públicas circulam e têm efeito em nosso tempo.

3. Coordenadas editoriais da "nova direita" no Brasil e na Argentina

O universo editorial dessa "nova direita" no Brasil e Argentina é composto por escritores, editoras, leitores, comentaristas, etc., de diferentes idades, formações e interesses. Se é verdade que os nomes mais prontamente reconhecidos desse segmento – a exemplo de Olavo de Carvalho – ostentam uma órbita própria, suficiente para influenciar as trajetórias de outros, é verdade também que eles dificilmente dariam conta das demandas que inspiram se atuassem nesse universo sozinhos. Em nossa apresentação, consideramos a presença editorial de três ascendentes representantes desse segmento político e editorial no Brasil – Bruno Garschagen, Thomas Giulliano e Ana Caroline Campagnolo – e na Argentina – Agustín Laje, Javier Milei e Álvaro Zicarelli.

Figura 1 - Livros analisados

					
Pare de acreditar no governo (Bruno Garschagen) Record, 2015	Desconstruindo Paulo Freire (Thomas Giulliano) História Expressa, 2017	Feminismo: perversão e subversão (Ana Carolina Campagnolo) Vide, 2019	A batalha cultural: reflexiones... (Agustín Laje) Harper Collins/Hojas del Sur, 2022	El camino del libertário (Javier Milei) Planeta, 2022	Como derrotar al neoprogresismo (Álvaro Zicarelli) Sudamericana/Penguin R. House 2022

Fonte: compilação dos autores⁵

Nomes que, desde meados da década de 2010, lograram pautar ou alimentar debates em escala regional e nacional, tornando-se referência entre seus pares e destaques nos segmentos editoriais nos quais figuram – logrando, em alguns casos, figurar até nas listas nacionais de mais vendidos. Em seu coletivo, esses livros ilustram o desenvolvimento de um segmento editorial associado à uma "nova direita" em ambos países. Tomados em suas especificidades, consideramos a trajetória editorial desses autores e os aspectos importantes da constituição desses livros, destacando seu lugar e relevância junto aos contextos brasileiro e argentino, assim como aspectos de relevo de seu conteúdo discursivo constitutivo.

Os autores do Brasil: Bruno Garschagen, Thomas Giulliano e Ana Caroline Campagnolo

A trajetória editorial de Bruno Garschagen parte de esforços de tradução e de um vínculo com o Instituto Ludwig Von Mises Brasil (criado em 2007)⁶. Em 2011, co-traduz⁷ o *best seller* estadunidense *O Fim do FED: Por que acabar com o Banco Central* (2009), do congressista estadunidense, Ron Paul, pela É Realizações, selo que se tornou uma referência junto a "nova direita" brasileira em função da adoção em anos

⁵ Montagem a partir de imagens e dados coletados de sites das livrarias Cúspide e Amazon.

⁶ Versão brasileira do *von Mises internacional*, possui frentes editoriais e educacionais. Trata-se de um *think tank* cuja missão institucional é fomentar "[a] difusão de estudos [...] que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre [...]" (MISES BRASIL, [s.d.]).

⁷ Tradução empreendida em colaboração com a palestrante Mônica Magalhães.

recentes de bem sucedidas estratégias editoriais, somando à tradução de autores *best sellers* internacionais – a ex. de Theodore Dalrymple e Roger Scruton – a leitura de figuras importantes do debate político nacional – à ex. de Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé.

Ainda pela Von Mises Brasil, Gargaschen (2013) traduziu *A Theory of Socialism and Capitalism* (1988), de Hans-Hermann Hoppe, consolidando uma aproximação, em termos editoriais, à produção intelectual de expoentes pensadores do movimento conservador internacional. Somada à sua militância junto ao Mises Brasil, essa atuação editorial primeira permitiu que Garschagen muito rapidamente se estabelecesse como um importante comentador desta tradição no país. Seu debut autoral, publicado em 2015, pela gigante Record, que em função de uma guinada em termos editoriais passa a se apresentar também como grande vitrine de ideias e valores associados à essa nova direita brasileira (SILVA, L. N. DA, 2018), consolida-se como um relativo sucesso de vendas em um tempo marcado por crises institucionais e fortes transformações socioculturais.

Em seu prefácio, assinado por João Pereira Coutinho⁸, a afirmação de que os problemas perpetrados pelo Estado "[...] vão do empobrecimento [...] à corrupção endêmica [...]" (COUTINHO in GARSCHAGEN, 2015), anuncia o teor das críticas encampadas no livro. É que, para Garschagen, a "síntese explicativa" (OLIVEIRA, 2020) que melhor denuncia as interpretações da realidade histórica brasileira tidas como errôneas ou deturpadas, é a ideia de que o nosso vale de lágrimas⁹ atribui-se a uma "[...] maneira excêntrica de pensar a política e de se relacionar com as instituições públicas no Brasil [...]" (GARSCHAGEN, 2015), dado que a dependência que de fato importa seria a do povo em relação ao Estado.

Uma ideia que se explicita também em sua capa, a partir de uma diagramação consciente, em que, mesclando seu título a um esboço do Palácio do Planalto, sugere, ao mesmo tempo, o inchaço da coisa pública e

⁸ João Pereira Coutinho é um escritor português, que subscreve aos princípios econômicos da chamada escola austríaca e à militância conservadora.

⁹ Usamos a expressão "vale de lágrimas", originária do catolicismo, como paráfrase da condição de subdesenvolvimento, e, portanto, em referência ao uso desta empreendido por Álvaro Vieira Pinto (2008).

a imaterialidade dos sonhos. Para além dessa estratégia, é notório o esforço de se caracterizar a dependência anunciada como um vício que se pode traçar de volta ao campo da "Esquerda"¹⁰, esta que, por sua vez, parece ali se expandir para além de seus domínios convencionais, englobando todo o equívoco¹¹ – potencial ou efetivo – característico da chamada sexta república brasileira¹².

Como desdobramento desta primeira crítica, o segundo livro do autor, datado de 2018, chegaria às livrarias com a missão de "[...] esclarecer a origem da nossa peculiar relação com o governo, e a nossa situação atual [...]" (GARSCHAGEN, 2018), uma vez mais resumindo os nossos males de origem¹³ a uma outra síntese explicativa motriz: a ideia de um desnível, urgente, na relação entre *deveres* e *privilégios* no país.

À crítica de '15, portanto, se acrescenta, em '18, uma denúncia central: cresce o número de privilegiados no Brasil¹⁴, grupo este "[...] mais amplo do que costumamos pensar [...] [de] pessoas que são beneficiadas em razão de singularidades econômicas, físicas, sexuais, etárias." (idem). A noção de um rechaço a *obrigações* e *deveres* – civis, éticos, morais, religiosos, etc. – tem ali, pelas razões pelas quais nos familiarizamos anteriormente, a própria ideia de "Esquerda" por paráfrase. Uma perspectiva que reaparece, sob distintas formas e por distintos argumentos, em outras publicações importantes associadas a essa "nova direita" no país, a exemplo do *debut* em editoras comerciais do historiador brasileiro Thomas Giulliano¹⁵.

Nesse sentido, se a leitura dos artigos que produziu em âmbito estudantil nos revela o apreço por grandes nomes do cânone literário nacional¹⁶, a leitura de seu livro de estréia (2017), ao tomar por objeto a obra

¹⁰ Noção que se apresenta no livro de '15 ainda muito associada ao anti-petismo e à figura de Lula, "[...] ele próprio [...] o exemplo: trabalhou apenas nove anos [...]" (GARSCHAGEN, 2015).

¹¹ O argumento prevê que políticos entendidos como de "Esquerda", a ex. dos ex-presidentes José Sarney (PMDB) e FHC (PSDB), ao promoverem "acertos" em seus governos – e.g. privatizações promovidas por FHC (GARSCHAGEN, 2015) –, o fazem apenas como um desvio em relação a uma governante índole universal, de caráter socialista, que seria, ela própria, fonte de todo equívoco possível. Nesse sentido, o Partido dos Trabalhadores (PT) é caracterizado como um epítome desse processo.

¹² Período da história política brasileira que compreende o intervalo entre 1985 até o presente.

¹³ A expressão faz referência a um importante estudo de Manoel Bomfim (BONFIM, 2005).

¹⁴ Grupo que teria em sua composição "[...] de advogados a estudantes, de abortistas a trabalhadores com carteira assinada, de sindicalistas a criminosos, de empresários a LGBTTIs [...]" (GARSCHAGEN, 2018).

¹⁵ *Desconstruindo Paulo Freire* (2017).

¹⁶ À exemplo de João Guimarães Rosa, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis.

de um escritor brasileiro de presença editorial equivalente no mundo, revela o avesso de um apreço. Para Giulliano, a necessidade de resgatar as humanidades – pressuposição defendida no livro¹⁷ –, passaria pela desconstrução do legado freireano, ideia que se reitera na organização dos elementos de sua capa, onde o título do livro aparece, estático, em meio a cacos de vidro em movimento. Para trazer a cabo este *estilhaço*, a associação de Freire ao marxismo, e a subsequente caracterização deste como frente opositora ao empreendimento cristão, faz-se primordial. Pela caneta de Giulliano, Freire precisa ser desconstruído porque, "[...] além de ignorar os valores universais, escolheu defender causas que vilipendiam a dignidade humana" (Idem).

A questão da filiação do pensamento de Freire a Marx habilitaria, portanto, a representação de ambos como *concorrentes* em relação a um empreendimento cristão universal¹⁸, uma vez que, para Giulliano, a necessidade de explicitar a incompatibilidade desses em relação ao cristianismo se deve ao fato da mesma haver sido dissimulada ao longo dos anos. Uma ideia reiterada em um discurso proferido por ele, à convite da Câmara dos Deputados do Brasil (2017), a propósito do projeto Escola Sem Partido¹⁹, quando, ao resgatar um comentário elogioso de Freire à Guevara (FREIRE, 1970) – que reconhecia nesse segundo um exemplo de boa performance comunicativa em relação ao mais pobres –, destacou: "[...] não se enganem. [Freire] não está falando de Jesus Cristo, [nem] de nenhum profeta. Ele está falando de Che Guevara." (BRASIL, 2017).

Portanto, se no processo de *terraplenagem* de Freire, Giulliano escolhe brindar-nos com uma [re]definição de conceitos associados à tradição marxista – e.g. *leninismo*, *trotskismo*, *luta de classes*, etc. –, não é sem razão que esse esforço se ampare na leitura de pensadores não

¹⁷ Considere: "[...] a maneira real de resgatar as humanidades é [submetê-las] à crítica radical, [e transformar] o cânone em uma imensa terra plana, sem as suas diferentes elevações naturais [...]" (GIULLIANO, 2017).

¹⁸ Considere: "[...] as similaridades entre eles nascem de um mesmo princípio ontológico: foram interpretados como profetas." (GIULLIANO, 2017).

¹⁹ Controvertido projeto de lei que estabelecia deveres e proibições ao ambiente escolar brasileiro (cf. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037). e pro comentário elogioso de Freire à Guevara (FREIRE, 1970), reconhecendo no segundo um exemplo de boa comunicação em relação aos mais pobres, Giulliano adverte: "[...] não se enganem. [Freire] não está falando de Jesus Cristo, [nem] de nenhum profeta. Ele está falando de Che Guevara." (BRASIL, 2017).

marxistas, muitas vezes católicos, sempre críticos ao legado de ambos²⁰. De um modo geral, a necessidade de revisitar conceitos da tradição progressista legando-lhes interpretações alternativas, não parece ser incomum nesse segmento. Nesse sentido, se o ano em que Giulliano publicaria o desdobramento de seu *debut*²¹, 2019, ficaria marcado tanto pela chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio da Alvorada quanto pelo subsequente empossamento do que, à época, se chamou de "o Congresso mais conservador dos últimos quarenta anos" (QUEIROZ, 2018), em termos editoriais, ele também seria lembrado pela publicação do livro de estréia²² de uma recém empossada deputada estadual (SC), a professora Ana Caroline Campagnolo.

Publicado pela Vide Editorial – "[...] [nascida] com o propósito claro de entrar na guerra cultural, explicitamente do lado "direito" do combate [...]" (ESCORSIM, 2018) –, seu lançamento simbolizou um ponto de inflexão na então conturbada trajetória de uma autora, que, vinculada ao projeto Escola Sem Partido, já ostentava naquela altura um notório portfólio de controvérsias²³. Nesse sentido, se em '18, o caráter espetaculoso de sua militância, somado à proximidade com o então colega de partido, Jair Bolsonaro, fizeram de Campagnolo dep. estadual com 34 mil votos (G1, 2018), o sucesso de sua primeira experiência editorial (2019), somada ao exercício de um mandato acompanhado de perto pelas redes sociais, renderam-lhe em '22 o título de "deputada estadual mais votada da história de Santa Catarina" (ANA CAMPAGNOLO, 2022) com 196 mil votos.

Chamado, à época, de "[...] a primeira publicação brasileira com pretensões tão diretamente contrárias ao feminismo [...]" (CAMPAGNOLO,

²⁰ Os autores responsáveis pelos demais capítulos da obra reforçam essa perspectiva bibliográfica conservadora e/ou cristã. Clístenes Fernandes, medievalista e membro do Instituto Hugo de São Vitor (*Think Tank* de inspiração católica, que coordena o empreendimento educacional *Schola Classica*) assina o 2º capítulo. O professor de filosofia, Rafael Nogueira, colunista e escritor – que ocuparia mais tarde a cadeira de presidente da Biblioteca Nacional no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) –, assina o 3º. O 4º fica por conta do cientista social e doutor pela UnB, Roque Callage Neto, que o critica sem ecoar as premissas dos colegas. O 5º é assinado pelo influente cronista político, Percival Puggina, pioneiro na defesa dos valores, ideais e estratégias que viriam a ser associadas a essa "nova direita" brasileira. O 6º (e último), é assinado pelo padre e medievalista, PhD em filosofia (PUC-RS), Cléber E. dos Santos Dias.

²¹ Desconstruindo ainda mais Paulo Freire (2019).

²² *Feminismo: perversão e subversão* (2019).

²³ Dentre as polêmicas protagonizadas por ela, destacamos aquela inspirada pelo então colega de partido, e então deputado federal Jair Bolsonaro: a criação de um "[...] canal informal de denúncia para alunos enviarem vídeos de professores com manifestações "político-partidárias" [...]" (G1, 2018).

2019), o *debut* de Campagnolo lograria, por fim, consolidá-la como uma das mais relevantes vozes dessa "nova direita" no Brasil. "[...] Vasculhando os livros das próprias feministas [...]" (CAMPAGNOLO, 2019), a autora conclui que essa biblioteca esconderia a verdadeira natureza do movimento, a saber, o papel central atribuído a um suposto "[...] teste de iniciação [...]" (idem), ou objetivo final, já que "[...] as feministas não costumam maquiar a natureza de seu movimento em seus próprios livros [...]" (idem). Tomado como um empreendimento de natureza conspiratória, o Feminismo revelaria ter "[...] mais a ver com engenharia social e subversão cultural do que com o reconhecimento dos direitos civis femininos [...]" (idem), configurando-se, mais que nada, como dissimulação.

A conclusão de que "[...] o que toda feminista tem em comum é o compromisso com a revolução sexual [...]" (idem) se apresenta como "síntese explicativa" (OLIVEIRA, 2020) sendo reiterada em sua capa, onde a aparência delicada e conservadora da escrita de seu título se contrasta à macabra descrição da cabeça decepada de João Batista, trazida por Salomé em uma bandeja de prata. A alusão ao crime desencadeado pela sensualidade de Salomé não é, portanto, acidental. O argumento de que "[...] todas as outras pautas e direitos [defendidos pelo Feminismo] podem ser usados ou descartados à medida que catalisem ou não a revolução [sexual] [...]" (idem) reitera essa associação.

Não é de se estranhar, portanto, que a desqualificação do movimento Feminista passa ali também pela caracterização deste como um empreendimento, em última instância, *anti* ou *contra* cristão. Pois, se para Campagnolo "[...] no lugar do cristianismo, as feministas propõem um estilo de vida irresponsável e nocivamente promíscuo sob a falsa propaganda da liberdade [...]" (idem), o combate ao Feminismo pressuporia também um rechaço a não restrição do exercício da sexualidade/sensualidade feminina.

Os autores do Argentina: Agustín Laje, Javier Milei y Álvaro Zicarelli

Agustín Laje é reconhecido por seus pares locais e regionais como um intelectual que consegue condensar e disseminar os principais

argumentos contra o progressismo e, ao mesmo tempo, assumir um compromisso conceitual e programático com a formação de uma "nova direita". Sua carreira editorial ilustra essa trajetória ascendente. Aos 22 anos de idade, ele autopublicou seu primeiro título em 2011. Dez anos depois, sua visibilidade e circulação em massa, bem como o reconhecimento de seus colegas, chamaram a atenção de um grupo editorial transnacional, a Harper Collins, que o contratou para três títulos, dois dos quais foram publicados até 2023: *La batalla cultural. Reflexiones críticas para una Nueva Derecha* (2022) y *Generación Idiota: Una crítica al adolescentrismo* (2023). Nesse caminho de massificação representado em sua trajetória autoral e em sua proliferação na esfera virtual, Laje também passou por uma ampliação de seu discurso. Se em seus primeiros livros ele começou abordando questões locais da história argentina, em seus últimos livros ele propõe uma intervenção político-filosófica com aspirações regionais e internacionais.

O cientista político (Universidade Católica de Córdoba) e mestre em filosofia (Universidade de Navarra) iniciou sua carreira como autor independente. Em 2011, publicou *Los mitos setentistas. Mentiras fundamentales sobre la década de los 70*, um livro no qual ele trata de forma revisionista o passado recente da Argentina e o que ele chama de "história oficial" sobre as causas e consequências da última ditadura militar argentina (1976-1983). Esse título o aproximou do homem que ele reconhece como seu mentor, Nicolás Márquez. Junto a él, se convertirían en una dupla autoral no Grupo Editorial Unión, pequena empresa espanhola fundada em 1973 que tem uma subsidiária ativa na Argentina.²⁴ Márquez e Laje publicariam juntos dois títulos para Unión: *Cuando el relato es una farsa. La respuesta a la mentira kirchnerista* (2016) e *El libro negro de la nueva izquierda. Ideología de género o subversión cultural* (2016). Este título vendeu mais de 20.000 exemplares impressos na Argentina,

²⁴ Essa editora se dedica a publicar, traduzir e divulgar diversas correntes de direita, especialmente aquelas ligadas ao pensamento da Escola Austríaca de Economia e seus seguidores nos Estados Unidos, na Espanha e na Argentina. Também procura reunir posições entre as tendências liberais-libertárias e várias tendências conservadoras, inclusive as de natureza nacionalista e confessional.

15.000 na região e o mesmo número em formato digital.

Dividido em duas seções, cada uma escrita por um dos autores, apresenta uma combinação de argumentos que buscam denunciar que, após a queda do Muro de Berlim, a esquerda se concentrou em uma luta cultural, nos termos gramscianos que esses autores replicam e adaptam. Nessa "batalha cultural", o feminismo e a chamada "ideologia de gênero"²⁵ são considerados inimigos e, portanto, devem ser combatidos pelas diversas forças políticas de direita de forma unida, a partir de um discurso unificado e sofisticado. Na mesma forma ao trabalho de Campagnolo, as representações do movimento de mulheres em seus diferentes estágios históricos levam a uma desqualificação de sua conquista de direitos e a uma super-representação de sua deriva "imoral" em relação à família tradicional.

Por isso, a partir de uma estratégia apresentada em termos morais, em torno da família heterossexual e do direito à vida, se posicionam em torno de uma visão criacionista da vida, mas que não é necessariamente argumentada em termos religiosos mas em termos seculares, jurídicos e médicos, alimentados por argumentos científicos e pela ideia de uma "moralidade pública" (ROMERO, 2021; SANTAMARINA, 2020). *El libro negro...* deu a seus autores exposição internacional e permitiu que eles fizessem turnês de apresentação por toda a região e por Espanha, dessem conferências em eventos de livros, mas também na mídia, em espaços religiosos e educacionais, e até mesmo em esferas oficiais, como o Congresso Peruano. A luta contra a ideologia de gênero e o chamado desses autores para "defender a família", concebida sob critérios conservadores, tem tido esse livro e Laje e Márquez como uma de suas principais ferramentas, com a ajuda da Unión e das editoras que publicaram o livro em diferentes países.²⁶

²⁵ A "ideologia de gênero" é um dos significantes por meio dos quais os setores conservadores articulam noções, significados e atores para dar conta de um estado de coisas que consideram imoral, incorreto e contrário a uma ordem natural pela qual devem ser combatidos.

²⁶ Este livro foi traduzido para o português por Jefferson Bombachin e publicado em 2018 pela editora brasileira Danúbio. Na Espanha foi editado pela Hazte Oír, um grupo de reflexão de direita que organizou conferências dos autores e enviou cópias para padres em diferentes paróquias do país.

O livro foi concebido como um artefato para a batalha cultural por uma editora militante no campo da direita. No entanto, é em seus últimos livros que Laje consegue aprofundar e sistematizar seus argumentos críticos sobre a esquerda e propor uma estratégia ideológica para o que ele imagina ser a ascensão de uma "Nova Direita". A mudança para uma editora transnacional, como a Harper Collins,²⁷ deu-lhe a oportunidade de aumentar a circulação regional e internacional de seus livros e ideias em um grau maior: seus lançamentos conquistaram as primeiras posições de vendas em livrarias físicas e em Amazon.

Como produtos de grande circulação, os últimos títulos da Laje apresentam capas chamativas, abas com paratextos, recomendações, e texto de contracapa convidando à compra do exemplar. *La batalla cultural* apresenta recomendações de pares de direita de renome internacional: o autor americano Ben Shapiro, o economista argentino Javier Milei, o político brasileiro Eduardo Bolsonaro e o político espanhol e fundador do Vox, Santiago Abascal.²⁸ Como forma de legitimar e moldar um espaço político e ideológico, os referenciadores coincidem em elogiar a obra do autor e sua figura como expoente da "batalha cultural" por colegas que utilizam os textos de Laje em suas intervenções e práticas políticas.²⁹ Os agradecimentos incluem colegas, amigos da direita a quem Laje reconhece seu lugar na formação de suas ideias e de seu livro: Nicolás Márquez, Pablo Pozzoni, Carlos Beltramo e Miklos Lukács, entre outros.

Em *La Batalla Cultural e Generación idiota*, Laje utiliza um e um arsenal teórico de autores das ciências sociais e humanas de circulação universitária e acadêmica³⁰ para, em seguida, delinear sua plataforma de

²⁷ Os livros publicados pela Harper Collins foram impressos na Argentina por Hojas del Sur, uma pequena editora que adquiriu os direitos de impressão e distribuição.

²⁸ Shapiro também aparece como o único recomendador na aba da *Generación idiota* (2023).

²⁹ Sua ponderação como intelectual é acompanhada pela biografia apresentada pela editora, que destaca os estudos, seu status por meio de prêmios, avaliações e turnês internacionais de palestras, além de sua condição de best-seller.

³⁰ Laje apresenta diferentes significados do conceito de cultura e suas transformações, que se baseiam em leituras da filosofia e das ciências sociais. O objetivo dessa apresentação é explicar a relevância da "batalha cultural" e os usos que a esquerda e a direita fizeram dela. Partindo de eventos como Maio de 68 até os usos pós-modernos da questão cultural pela esquerda e pelo progressismo, Laje tenta argumentar uma ligação conspiratória entre organizações internacionais associadas ao "globalismo" e a esquerda, a fim de explicar o poder do "marxismo cultural" no senso comum das sociedades ocidentais contemporâneas. Em suas palavras, "Fundações de milionários conhecidos financiando o esquerdismo cultural (...) A disputa não é mais primordialmente econômica, mas acima de tudo cultural" (p. 418).

intervenção para uma nova direita.³¹ Ele dedica *La Batalla Cultural* "Para aqueles que estão resistindo" e, ao fazê-lo, procura oferecer uma "teoria da batalha cultural e mostrar por que a cultura se tornou central para a política" (LAJE ARRIGONI, 2022, p. 11). A densidade e a sobrecarga de referências teóricas do livro não está "a serviço da mera teoria", mas busca apoiar uma "prática política que serve à direita em geral". Essa prática política baseia-se em uma articulação das "diferentes correntes de direita que colocam suas batalhas culturais no centro de um novo 'nós' político". É nesse sentido que Laje e seus pares endossam uma posição dominante no campo da direita por seu compromisso intelectual com um fim político, o que o torna um intelectual conceitual e ativo no espaço político. Da mesma forma, esses livros, ao mesmo tempo em que propõem uma perspectiva por meio de uma linguagem que pretende ser acadêmica e erudita (o que é descrito como um valor por seus colegas), é autodescrito como um livro ativista, um chamado à ação.

Seu tese é defendida com base nos usos de Gramsci, Laclau e Mouffe, Foucault e, acima de tudo, autores da Escola de Frankfurt, como Horkheimer e Marcuse. Esses autores também são mencionados em *Generación idiota* e já haviam feito parte da explicação em *El libro negro...* Fornecem a Laje evidências do triunfo ideológico da esquerda e do fracasso da direita, que ele convoca a reagir. Para isso, ele recorre a autores referenciados na Escola Austríaca de Economia e Rothbard, uma leitura fundamental para a formação ideológica da autodenominada Nova Direita. Seus postulados paleolibertários, que propunham uma convergência de libertários com setores conservadores, funcionam como articuladores de uma cultura de direita sem os complexos de outrora que tem alguns eixos comuns: a rejeição do Estado e da ideia de "justiça social", a rejeição da legalização do aborto e outras formas de "progressismo cultural" (STEFANONI, 2021). Na estrutura de sua proposta para uma Nova Direita,

³¹ Ambos ensaios apresentam uma estrutura semelhante: uma introdução, uma série de capítulos nos quais ele desenvolve diferentes temas com base na disseminação de autores das ciências sociais, por meio de um importante aparato de citações referenciadas em linguagem erudita e um grande número de notas de rodapé (957 para o primeiro, 517 para o segundo) e, finalmente, uma conclusão na qual ele elabora sua proposta de modelo "rumo a uma nova direita".

Laje promove um agrupamento de libertários, nacionalistas e nacional-conservadores para formar uma identidade, um "nós" de direita.³² Assim, conceitos como "batalha cultural" e "marxismo cultural" são usados por Laje para caracterizar um estado de coisas regido por um senso comum esquerdista, que ele combate a partir de posições "politicamente incorretas".

Essa postura politicamente incorreta é o que potencia Javier Milei. Nos últimos anos, esse economista teve um crescimento exponencial em seu perfil mediático e político.³³ A partir de uma posição que ele define como "anarcocapitalista", Milei critica o keynesianismo e recupera as teses do paleolibertarianismo do Rothbard. Nessa linha, a "batalha cultural e política" que busca encarnar em espelho com Agustín Laje lhe permitiu desenvolver pontes com várias expressões da direita local e internacional do ponto de vista político-eleitoral e também em nível cultural.³⁴ Como Laje, Milei tem uma carreira autoral que começou na Unión, onde publicou cinco títulos sobre economia com perfil técnico e linguagem acadêmica.³⁵ Essa carreira autoral que acompanhou sua projeção na mídia permitiu que ele atraísse a atenção de editoras maiores, como a Galerna, a Ediciones B e, finalmente, o grupo editorial Planeta, onde publicou dois títulos: *El camino del libertario* (2022) e *El fin de la inflación* (2023). *El camino del libertario*, que vendeu 12.000 cópias de acordo com dados fornecidos pela editora, tem as características de um livro instantâneo. A capa mostra o economista de costas para uma multidão de pessoas ouvindo uma de suas palestras

³² "Acredito que uma Nova Direita poderia ser formada na articulação de libertários não progressistas, conservadores não imobilistas, patriotas não estatistas e tradicionalistas não integristas. O resultado seria uma força de incorreção política que poderia ser traduzida como uma oposição radical à casta política nacional e internacional, ao estatismo e ao globalismo, ao establishment multimídia e à hegemonia progressista que domina a academia (...) ao poder financeiro global que se inclina indisfarçadamente para a esquerda cultural..." (p. 484).

³³ Nas eleições legislativas de 2021, sua frente La Libertad Avanza obteve 17% dos votos na cidade de Buenos Aires e o tornou membro do Parlamento. Nas eleições presidenciais de 2023, ele ficou em segundo lugar, o que lhe permitiu entrar no segundo turno, no qual competirá com o candidato do partido governista, Sergio Massa, em 19 de novembro, após a entrega da versão final deste manuscrito.

³⁴ a aproximação com Kast, do Chile, o partido Vox na Espanha e os vínculos com a família Bolsonaro no Brasil têm seu correlato em intervenções culturais como a participação nas conferencias conservadoras, performances teatrais e uma prolífica carreira editorial.

³⁵ *Política económica contrarreloj: síntomas, diagnóstico y medidas para salir del cepo y volver a crecer*, com Diego Giacominini e Federico Ferrelli Mazza, em 2014; *Lecturas de economía en tiempos de kirchnerismo*, com prefácio do economista Ricardo López Murphy, em 2014; *El retorno al sendero de la decadencia argentina*, 2015; *Maquinista, infleta y devaluta*, com Diego Giacominini, em 2016 (republicado pela Ediciones B, editora transnacional, com o título *Otra vez sopa. Maquinista, infleta y devaluta*); *Desenmascarando la mentira keynesiana. Keynes, Friedman y el triunfo de la Escuela Austriaca*, em 2018, com prefácio de Ricardo López Murphy e palavras introdutórias de Diego Giacominini.

públicas sobre economia durante a campanha eleitoral de 2021, quando Milei conquistou uma cadeira como deputado nacional pela cidade de Buenos Aires. O livro é principalmente um livro de "campanha", que acompanha a conjuntura e o crescimento exponencial de sua carreira. Ele analisa sua biografia e apresenta sua equipe de colaboradores, além de incluir alguns de seus escritos econômicos alinhados com o pensamento paleolibertário que Milei também popularizou nos estúdios de televisão e nas redes sociais.. O livro também contém discursos de sua campanha eleitoral de 2021, o que o torna um produto eclético, com intervenções biográficas, técnicas e políticas. É um livro fortemente associado à figura do autor, como uma referência cultural e intelectual da mídia que prevalece sobre o conteúdo. A função legitimadora dos paratextos também funciona nesse livro ao incluir um prefácio do intelectual Alberto Benegas Lynch (Jr.), uma referência de prestígio no universo liberal e a quem Milei chama continuamente de "nosso herói".

Em maio de 2023, Milei publicou seu segundo título para a Planeta, *El fin de la inflación*, um título menos biográfico, mas com um claro componente político pois o livro – que vendeu 8.000 cópias nos primeiros meses após a publicação – apresenta seu plano econômico caso ele se torne presidente do país. Em um ano eleitoral, o economista que almeja o poder publica um livro ligado à sua expertise econômica, com receitas técnicas e proclamações políticas. Lá, ele apresenta um programa que envolve um plano de estabilização econômica baseado na redução da inflação por meio da dolarização da moeda nacional. Essas intervenções, materializadas em um livro, são divulgadas pelo autor e pela editora como uma receita, que tem como objetivo funcionar como uma ferramenta de intervenção e uma solução para um dos problemas mais urgentes da economia argentina, ou seja, a inflação.³⁶ Dessa forma, a intervenção cultural de Agustín Laje é complementada pela intervenção econômica de

³⁶ Assim, a introdução do livro começa afirmando que: "Nas próximas páginas, falaremos sobre o que mais importa para os argentinos hoje: dinheiro, preços e o dólar. Basicamente, a tese central que desenvolverei nesta primeira parte é que não há nada de atípico, raro ou estranho no dólar, que ele está completamente dentro da análise econômica com dinheiro e que o que estamos vivenciando é fundamentalmente um problema de natureza monetária" (Milei, 2023, p.19)"

Javier Milei, ambas publicadas por editoras transnacionais em um contexto político e cultural de crescentes expressões de direita. E ambos com um forte foco em figuras individuais que operam como referências intelectuais em termos de mídia. A capa deste livro mostra isso. Assim como no livro anterior ele foi mostrado como um candidato para as massas, na capa de *El fin de la inflación* Milei aparece como um especialista que, devido à sua capacidade individual, pode resolver problemas econômicos por meio de sua força de vontade.

Com uma intervenção que não lida com economia, como a Milei, mas com cultura e política, o autor Àlvaro Zicarelli lhe intervém com um pequeno livro para se inserir na batalha cultural, sem um aparato conceitual tão sofisticado como e com menos pretensões acadêmicas que Laje. Embora não tenha sido um livro que se tornou um best-seller – vendeu cerca de 3 mil exemplares –, a editora apostou nele em sua contratação, em linha com a crescente visibilidade do autor e dos temas. Da capa de seu primeiro livro, *Cómo derrotar al neoprogresismo. Una batalla política* (Sudamericana, 2022), é apresentada como uma ferramenta para o confronto com essa corrente. Um azul cai e quebra um punho esquerdo erguido, em uma espécie de intervenção em um gráfico soviético, com as cores da bandeira venezuelana, um dos principais alvos contra os quais as forças antipopulistas são montadas. Essa imagem de combate é alimentada por uma intervenção cultural. Na contracapa, Zicarelli é apresentado como "um dos intelectuais mais polêmicos e influenciadores digitais da Nova Direita Argentina".

Da mesma forma, em sua biografia, ele é apresentado como um estudioso autodidata de filosofia, história e relações internacionais, como um "discípulo" de renomados intelectuais argentinos: Juan José Sebreli, Carlos Escudé, Rubén Zorrilla e Alberto Benegas Lynch (h). Zicarelli é um personagem com uma inserção ativa no campo político, desde um passado com militância, até uma extensa carreira como assessor de diferentes referentes da direita e centro-direita argentinas. Esse perfil constante no plano da atividade política sem descuidar do plano das ideias

é constantemente destacado ao longo das 140 páginas de seu livro, que ele chama de "manifesto, um texto programático em que se expõe um problema (o progressismo) e a solução para resolvê-lo" (ZICARELLI, 2022, p. 43). Sua biografia pessoal, contada desde as primeiras páginas, sua educação autodidata, que inclui leituras às quais ele teve acesso graças a seus vínculos com intelectuais e políticos, estão ligadas a um programa de ação que se enquadra nas margens da "batalha cultural".³⁷

O problema levantado é semelhante ao de Laje, que prefacia o livro, e Axel Kaiser, que contribui com um epílogo: a esquerda governa o senso comum das sociedades ocidentais, e o objetivo é se apropriar de suas ferramentas discursivas para derrotá-la, primeiro no nível da cultura e depois na política.³⁸ Com essas operações de avaliação, recomendação e legitimação, Zicarelli traça um caminho que lhe permite fazer uma contribuição programática para seu campo ideológico e, ao mesmo tempo, projetar sua carreira política.

Nos primeiros capítulos, ele narra sua passagem da militância "acrítica" e de uma "sensibilidade" à esquerda, passando pela inércia familiar, até sua chegada definitiva à direita, por meio da política e dos "livros". O texto é escrito na primeira pessoa do singular, às vezes dirigido diretamente e de maneira coloquial e desafiadora a um leitor ideologicamente adversário.³⁹ As acusações são articuladas com uma exposição de autores de esquerda, novamente Gramsci e a noção de hegemonia, a fim de se apropriar dela e transformá-la em um suporte teórico para a batalha cultural da direita, assim como Laje. Para alcançar o triunfo e "impor uma visão diferente do mundo" (p. 119), ele propõe, em

³⁷ A leitura de autores filosóficos e políticos recomendados por referências intelectuais com as quais se conectou é destacada na forma de citações e notas de rodapé no texto, além de ser apresentada como um divisor de águas em sua conversão pessoal, um tópico frequentemente vivenciado como um "despertar" ao longo da história das ideias políticas. André Glucksman e Juan José Sebreli são dois dos autores mais citados no livro que dão conta dessa passagem da esquerda para a "direita e o liberalismo", na qual Zicarelli também se reconhece. É a partir desse campo que ele se propõe a resgatar o "arsenal discursivo" para "desarmar o discurso neoprogressista", por meio de argumentos teóricos e práticos que ele delinea no livro (p.44).

³⁸ A partir de sua própria força política, ele se assume como um articulador das diferentes tendências de direita com o objetivo de colaborar na formação de uma ampla coalizão baseada em valores republicanos e antipopulistas.

³⁹ Por um lado, com perguntas que são apresentadas como incômodas, destacadas por sua maneira de se dirigir ao leitor: "Não vá embora agora que eu lhe dei o discurso. Ouça-me, meu caro...". Por outro lado, há uma constante desqualificação do que ele chama de "neoprogressismo", apresentado de forma mais geral: "pensamento neoprogressista palermitano das redes sociais", "fabricantes de pensamentos mecânicos".

primeiro lugar, assumir-se como de direita e, em segundo lugar, responder com argumentos ao discurso que ele chama de "neoprogressista". Assim, nos capítulos finais, Zicarelli propõe regras para responder às acusações que, segundo ele, a direita recebe, como ligações com ditaduras militares, fascismo ou nazismo, ou neoliberalismo. As prescrições incluem "avaliar" o "adversário ideológico" para reverter seu argumento a fim de "confrontá-lo e derrotá-lo, seja em uma conversa, em uma reunião ocasional, em um comício universitário ou em um debate parlamentar" (p. 121). Para cada uma dessas acusações, Zicarelli propõe receitas que apresentam interpretações históricas que lhe permitiriam reverter os argumentos.⁴⁰

A apresentação de ferramentas teóricas e estratégias discursivas para argumentar com adversários ideológicos coexiste no livro de Zicarelli com uma justificativa referente a explicações "naturais" sobre a necessidade do triunfo da direita nessa batalha. Dessa forma, o livro tanto historiciza a batalha em seus argumentos quanto a des-historiciza ao apresentar explicações sobre a suposta natureza dos indivíduos.⁴¹ Dessa forma, com sua publicação, Zicarelli sistematiza suas intervenções e se posiciona estrategicamente dentro dos referenciais ideológicos e políticos da autodenominada Nova Direita. A editora Sudamericana, que pertence ao grupo Random House, fortalece seu catálogo de livros políticos com esse contrato. Além de sua circulação, que não teve a visibilidade e a ressonância de autores como Laje ou Milei, o livro é sustentado por um circuito de diálogo e legitimação típico desse espaço. Por um lado, por meio dos textos incluídos pelo próprio Laje e pelo chileno Kaiser. De outro, por meio das constantes referências no texto, bem como nos agradecimentos do livro, a referentes políticos e intelectuais de direita⁴².

⁴⁰ Por exemplo, à acusação de que "a direita é assassina", ele responde fazendo um relato dos assassinados pelo stalinismo e pelo maoísmo.

⁴¹ "Não há nada mais primitivo no homem do que a necessidade de sobrevivência. Porque não há nada mais elementar para os seres humanos do que tentar viver melhor do que seus pais (...) porque todo mundo entende que esse Estado é um saqueador em troca de nada (...) Não há como vencer uma batalha que sempre foi vencida. Só que eles nos convenceram de que não era assim." (p. 134)

⁴² Javier Milei, "referência máxima do Liberalismo Nacional, da Direita Popular Argentina e flagelo do coletivismo empobrecedor"; Agustín Laje, "uma síntese superadora e crioula entre Roger Scruton e Jordan Peterson, tantos anos sem saber que éramos amigos"; Axel Kaiser, "o mais lúcido e importante divulgador das ideias de liberdade em espanhol de nossa geração"; Nicolás Lucca, Eduardo Prestofelippo, Carlos Escudé, Manuel Adorni, Amalia Granata e Patricia Bullrich, entre quase uma centena de figuras com as quais ele se alinha.

4. Conclusão

Nestas páginas, examinamos as carreiras editoriais de seis autores que se despontaram como referência no segmento da "nova direita" no Brasil e na Argentina em anos recentes. Esse passeio nos mostrou como, por meio da palavra impressa, agentes que desempenham funções intelectuais, por meio de sua produção autoral, conseguem encarnar uma posição em um específico espaço político, ideológico e intelectual. Os recursos discursivos, em termos de estilo, gênero e possibilidades de elaboração de propostas (ideológicas e programáticas), são materializados em estratégias editoriais concretas que são, por sua vez, uma condição necessária para a sustentação da tarefa autoral.

Nos livros estudados para os casos da Argentina e do Brasil, observamos a tentativa de construir um espaço de interlocução e autodefinição dentro do campo da direita. A apresentação de autores considerados próprios e alheios nos permite delimitar as fronteiras entre um espaço de direita no qual o objetivo é construir um "nós" em oposição a um "outro" que leva o nome de progressismo em suas múltiplas facetas. No caso dos autores brasileiros, a orientação do discurso aponta mais para uma dimensão nacional do que internacional, na medida em que o alvo é colocado nas instituições políticas nacionais, os autores - como Freire - que promoveram uma suposta decadência moral que os governos do PT supostamente aprofundaram. A abordagem de Campagnolo ao feminismo se conecta a uma dimensão que transcende as fronteiras nacionais, em linha com as intervenções do argentino Agustín Laje sobre a batalha cultural e a luta contra a ideologia de gênero, e do próprio Zicarelli em relação às modalidades de "neoprogessismo". Por sua vez, os livros de campanha de Javier Milei se baseiam na situação local, mas ele argumenta com base em autores internacionais, como o americano Murray Rothbard, representante da escola austríaca de economia. Da mesma forma, a promoção de certos tópicos-chave, como a disputa contra o feminismo e o

progressismo, é combinada, em casos como o de Zicarelli, com receitas discursivas para argumentar com os oponentes e ordenar a discussão, como Garschagen também faz à sua maneira.

A construção discursiva desses autores se completa por meio de lógicas editoriais que os configuram como referências intelectuais. Graças à materialização de suas ideias em livros cujos paratextos e circulação são apresentados como artefatos de ideias para a disputa política, os autores são moldados como produtores privilegiados de visões de mundo, a partir de capas chamativas que visam orientar a leitura e alcançar uma imagem de autoridade. Portanto, os paratextos, as capas e a redação desses prefácios, epílogos, recomendações e contra capas fazem parte da construção dos autores dessa "nova direita", em um mercado editorial comercial e competitivo.

Nosso trabalho faz parte de um projeto ainda em andamento que busca explorar os discursos e as posições da nova direita por meio de uma análise do espaço editorial, a partir de uma perspectiva que considera as continuidades, as comunicações e as rupturas entre editores e autores na região. Em um contexto de transformações nos modos de intervenção pública e de proliferação de conteúdo digital, os autores, os livros e as estratégias editoriais que os sustentam mostram que esse tipo de intervenção por meio da palavra impressa continua bastante relevante. Autores, livros e as ideias e textos que eles contêm são reunidos com um potencial simbólico e político que coloca os responsáveis por sua assinatura como produtores e disseminadores privilegiados de visões de mundo.

5. Referências bibliográficas

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, É. **El nuevo espíritu del capitalismo**. España: Akal, 2010.

BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Las derechas

- argentinas en el siglo XX: presentación e itinerarios de un problema. *Em: Las derechas argentinas en el siglo XX. De la era de las masas a la Guerra Fría*. Buenos Aires, UNICEN.
- BONFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- BOURDIEU, P. Las condiciones sociales de circulación de las ideas. *Em: Intelectuales, política y poder*, Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 159–170.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão especial - PL 7180/14 - Escola sem partido. Audiência Pública REUNIÃO N°: 0101/17, Brasília, Plenário 7 das Comissões, 21 mar. 2017. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0101/17&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=15:00&sgFaseSessao=&Data=21/3/2017&txApelido=PL%207180/14%20-%20ESCOLA%20SEM%20PARTIDO&txFaseSessao=Audiência%20Pública%20Ordinária&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=15:00&txEtapa> Acesso em: 05 nov. 2013. Discurso do historiador Thomas Giulliano.
- CAMEZZANA, D.; CAPASSO, V. Acciones Performáticas, Derechas y Mediatización: el caso de Jóvenes Republicanos (Argentina). **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 1–36, 2023.
- CAMPAGNOLO, A. C. **Feminismo: perversão e subversão**. Campinas: Vide, 2019.
- CAMPAGNOLO, A. C. **Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas**. Campinas: Vide, 2021.

CHARTIER, R. **Origens culturais da Revolução Francesa**. Sao Paulo: UNESP, 2009. 2009.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Madrid: Taurus, 1997.

CURCINO, L.; PEREIRA, T. A. C. LIVROS, POLÍTICA E POPULISMO: A 'NOVA' DIREITA BRASILEIRA E SEUS BEST SELLERS. *Em: POPULISMO(S) E SUAS LINGUAGENS*. Braga: Humus, 2022.

DARNTON, R. "Francia, se te escapa el café": De la historia del libro a la historia de la comunicación. **Políticas de la Memoria**, [s. l.], n. 21, p. 76–85, 2021.

DEPUTADA ESTADUAL DO PSL ELEITA POR SC INCITA ALUNOS A FILMAR E DENUNCIAR PROFESSORES. G1, Santa Catarina, 29 dez. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/deputada-estadual-do-psl-eleita-por-sc-incita-alunos-a-filmar-e-denunciar-professores.ghtml> Acesso em: 05 nov. 2023.

DIEGUEZ, C. **O ovo da serpente: nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2022. 2022.

ESCALANTE GONZALBO, F. **A la sombra de los libros. Lectura, mercado y vida pública**. México DF: El Colegio de México, 2007.

EYAL, G.; BUCHHOLZ, L. From the Sociology of Intellectuals to the Sociology of Interventions. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 117–137, 2010.

FORTI, S. **Extrema derecha 2.0: Qué es y cómo combatirla**. [S. l.]: Bookwire GmbH, 2021.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996 [1971]

GARSCHAGEN, B. **Direitos máximos, deveres mínimos: o festival de privilégios que assola o Brasil**. 1a edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

GARSCHAGEN, B. **Pare de Acreditar No Governo Por Que Os Brasileiros Não Confiam Nos Políticos e Amam o Estado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. 2015.

GIULLIANO, T. **Desconstruindo (ainda mais) Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa Editora, 2019.

GIULLIANO, T. (org.). **Desconstruindo Paulo Freire**. 2a edição. Porto Alegre, RS, Brasil: História Expressa, 2020.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación N°112**, [s. l.], v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

GOLDSTEIN, A. **La reconquista autoritaria**. [S. l.]: Marea, 2022.

KESSLER, G.; VOMMARO, G.; PALADINO, M. Antipopulistas reaccionarios en el espacio público digital. **Estudios Sociológicos de El Colegio de México**, [s. l.], v. 40, n. 120, p. 651–692, 2021.

LAJE ARRIGONI, A. **Generación idiota: una crítica al adolescentismo**. Cuauhtémoc, Mexico City: Harper Collins México, 2023.

LAJE ARRIGONI, A. **La batalla cultural: reflexiones críticas para una nueva derecha**. 1a. edición. Buenos Aires: Hojas del Sur, 2022.

MARTINS FILHO, J. R.; MARQUES, A. A. (org.). **Os militares e a crise Brasileira**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2021.

MIDORI DEAECTO, M.; MOLLIER, J.-Y. (org.). **Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia (SP), Brasil: Belo Horizonte (MG), Brasil: Ateliê Editorial; Editora UFMG, 2013. 2013.

MILEI, J. **El camino del libertario**. [S. l.]: Planeta Argentina, 2022.

MILEI, J. **El fin del ainfación**. Buenos Aires: Planeta, 2023. 2023.

MISES BRASIL. Quem somos. Disponível em: <https://mises.org.br/quem-somos> Acesso em: 05 Nov. 2023.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Los “libros de la grieta”: edición, política y cultura de derechas en la Argentina. *Em*: COLOQUIO INTERNACIONAL “PRÁCTICAS POLÍTICAS Y EDICIÓN EN AMÉRICA LATINA”, 2021, México. **Anais** [...]. México: El Colegio Mexiquense, 2021.

MUNIZ JR., J. de S. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. 2016. Tesis de Doctorado - Universidade de Sao Paulo, Sao Paulo 2016.

NÓBREGA, L. O mercado editorial e a Nova Direita brasileira. **Teoria e Cultura**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 73–84, 2018.

NÓBREGA, L. O mercado editorial e as direitas contemporâneas no Brasil. *Em*: IV COLOQUIO ARGENTINO DE ESTUDIOS SOBRE EL LIBRO Y LA EDICIÓN, 2021, Paraná. **Anais** [...]. Paraná: UNER, 2021. Disponível em: <https://www.fc.edu.uner.edu.ar/wp-content/uploads/2021/12/Leonardo-Nobrega-O-mercado-editorial-e-as-direitas-contemporaneas-no-Brasil.pdf>.

PÊCHEAUX, Michel. **O Discurso. Estrutura ou Acontecimento**, 2002.

ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1a reimpressão. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 75–107, 2021.

RUBINICH, L. Productores privilegiados de visiones del mundo. Nociones de libertad en disputa. *Em: 0110 CREATIVIDAD, ECONOMÍA Y CULTURA EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES 2001-2010*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2011. p. 9–43.

SAFERSTEIN, E. **¿Cómo se fabrica un best seller político?: La trastienda de los éxitos editoriales y su capacidad de intervenir en la agenda pública**. [S. l.]: Siglo XXI Editores, 2021.

SAFERSTEIN, E. Politics and Book Publishing in Argentina. **Oxford Research Encyclopedia of Literature**, [s. l.], p. 1–22, 2020.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, [s. l.], 2022. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/javier-milei-la-batalla-cultural-de-las-nuevas-derechas/>. Acceso em: 14 out. 2022.

SANAHUJA, J. A.; STEFANONI, P. **Extremas derechas y democracia: perspectivas iberoamericanas**. Madrid: Fundación Carolina, 2023.

SANTAMARINA, S. **“Ideología de género” y activismo político del movimiento provida. El caso de Con Mis Hijos no te Metas en Argentina (2017-2020)**. 2020. Tesis de Maestría en Derechos Humanos y Democratización en América Latina y el Caribe - Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires 2020.

SOLER, L.; GIORDANO, V. Editoriales, think tanks y política. La producción y circulación de las ideas de las nuevas derechas en Argentina. **Revista Paraguaya de Sociología**, [s. l.], v. 147, p. 35–50, 2015.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha? cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un**

nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio).

Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

SZPILBARG, D. **Cartografía argentina de la edición mundializada. Modos de hacer y pensar el libro en el siglo XXI.** Temperley: Tren en movimiento, 2019.

TARCUS, H. **Marx en Argentina.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

VÁZQUEZ, M. "Ahora es nuestro tiempo". Activismos juveniles en las nuevas derechas durante la pandemia (Argentina, 2020-2022). **IBEROAMERICANA. América Latina - España - Portugal**, [s. l.], p. 117-137 Pages, 2023.

VIEIRA PINTO, A. **A sociologia dos países subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do "vale de lágrimas".** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

VOMMARO, G. «Unir a los argentinos» El proyecto de «país normal» de la nueva centroderecha en Argentina. **Nueva Sociedad**, [s. l.], v. 261, 2016. Disponible em: <http://nuso.org/articulo/unir-los-argentinos/>. Acesso em: 9 out. 2019.

ZICARELLI, Á. **Cómo derrotar al neoprogresismo: una batalla política.** Buenos Aires: Sudamericana, 2022.